Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”

Landscape geopoetics: looking, felling and hearing the “nature”

Saete Kozel

Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná - UFPR

skozel@ufpr.br

Artigo recebido para revisão em 20/05/2012 e aceito para publicação em 31/05/2012

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar a essência do ser humano e as relações que estabelece com o mundo por meio de sua cultura, sentimentos e valores. Assim sendo, busca-se a reflexão sobre os diferentes olhares e sentimentos sobre a natureza a fim de melhor compreendê-la em sua plenitude. Abordando a geopoética das paisagens, o artigo se propõe a resgatar tal plenitude por meio de linguagens expressas das mais diferentes formas como as artes visuais, a música, os odores, as expressões oral e escrita em combinação e sintonia propiciando, assim, o desenvolvimento de projetos criativos e significativos nas mais distintas áreas do conhecimento, em especial da Geografia Cultural e Humanista.

Palavras-chave: geopoética, paisagem, olhares, sentimentos, natureza.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the essence of human nature and its relationships that is established with the world through its culture, values and feelings. Therefore, the main goal is to consider different views and feelings about nature in order to better understand it in its fullness. Addressing the landscape geopoetics, the article proposes to recover such fullness by analyzing different types of language expressed by diverse forms of visual arts, music, odors, oral and written expressions in combination and harmony providing the development of creative and significant projects in different areas of knowledge, especially Cultural and Humanistic Geography.

Keywords: geopoetics, landscape, looks, fellings, nature.

1. COMO PENSAR E RESSIGNIFICAR AS COISAS DO MUNDO?

Geopoética...um olhar.... um caminho...

Refletir sobre um olhar, ouvir, sentir a natureza nos leva a pensar se existiria um caminho possível, um canal de comunicação, um tipo de linguagem para entender as “coisas do mundo” em sua inteireza.

Essa questão nos remete ao próprio ser humano em sua essência e as relações que esta-

belece com o mundo, perpassada pela cultura, sentimentos e valores.

No contexto da geografia nos sentimos desafiados a todo o momento a desvendar os mistérios que envolvem o “nosso existir no mundo” tendo em vista compreender a organização espacial em que estamos inseridos como parte integrante desse próprio mundo.

De acordo com a cultura valores e representações os seres humanos constroem e dimensionam “seus mundos” de maneira muito parti-

cular e peculiar. De acordo com Kenneth White somos protagonistas de uma geopoética constantemente resignificada pela autopoiese. White (1990) elaborou o conceito de geopoética inspirado numa visão de mundo integrada e significativa, onde o ser humano e as “coisas do mundo” compõem um único universo integrado pela geopoética. Ele ressalta o conhecimento sobre o universo como uma unidade e a geopoética o elemento unificador, considerando o planeta Terra como o cerne desse pensar.

O mundo como uma unidade composta por um todo harmônico entre terra e pensamento, uma noção de mundo renovada, redimensionando a noção de espaço, luz e energia. Segundo o autor essas noções poderão ser experimentadas intelectualmente, com o desenvolvimento do conhecimento, e emocionalmente, pelos sentidos para se sintonizar o mundo.

Nessa perspectiva White fundou em 1989 um instituto Internacional de geopoetics tendo como objetivo um projeto audacioso não como mais um contributo para o espetáculo de variedades culturais, nem é uma escola literária, nem com a poesia como uma arte da intimidade... mas um grande movimento envolvendo os próprios fundamentos da vida humana na terra.

Refletir o mundo pela geopoética propõe o resgate da sua inteireza por meio de linguagens, expressas de formas diferenciadas e sensíveis como as artes visuais, a música, odores, expressão oral e escrita em combinação e sintonia. Assim propicia o desenvolvimento de projetos criativos e significativos nas mais distintas áreas do conhecimento, pois “toda criação da

mente é, fundamentalmente, poética” (WHITE, 1990).

Em geopoética a poesia, o pensamento e a ciência podem convergir em reciprocidade para romper com as fragilidades inerentes à fragmentação e dualidade do conhecimento vislumbrando o “todo”; a “inteireza” do ser humano no mundo buscando refletir sobre a vida na terra e o papel do ser humano nesse contexto. Essas dimensões podem se integrar com a “objetivação do sensível”, proveniente dos significados próprios de cada um, dos valores éticos que reside no perceber, representar e transformar as maneiras de ser e pensar e viver no mundo. A poética propõe sintetizar as forças do corpo e espírito para poder entender o mundo tendo como aporte a cultura. *L'essentiel, pour le moment, c'est que l'on sente une émergence, et la possibilité d'une convergence... la poétique devrait synthétiser toutes les forces du corps et de l'esprit, devrait être la manière essentielle dont l'être humain compose le monde. Et pour apprécier l'apport fondamental de la poétique dans une culture, il suffit, là encore, de parcourir l'histoire des cultures* (WHITE, 1998).

Bateson (1984) na obra *Nature et la Pensée* apresenta a cartografia estética e da consciência como proposta para estudos antropológicos, psicológicos e cibernéticos, considerando um contexto mais amplo onde é possível refletir sobre as diferenças e subjetividades provenientes das sinfonias do espírito. Essa perspectiva é considerada como uma Cartografia cultural que pode ser referendada pelos mapas mentais como enunciados que reflete discursos e visões de

mundo, uma maneira geopoética de representar e tentar entender o mundo. Um sistema aberto com porosidades onde a mente permanecesse aberta, pois um mapa jamais será um território, apenas poderá sugeri-lo e poderá nos permitir superar imaginar e viver as abstrações, por meio das linguagens advindas do olhar, sentir, ouvir aqui ressaltada.

De acordo com Bateson (1984) la forme résultante, par-delà le style propre à chacun, est avant tout une trace, un fragment, un témoignage poétique ou noétique dont la valeur, selon nous, réside dans sa capacité à «augmenter» nos sensations de vie, à provoquer nos perceptions, voire à transformer nos manières d'être et de penser au monde. O autor resalta a importância das estruturas e as conexões entre os seres vivos, maravilhando-se sempre diante de tudo que traduz a vida e interage entre si.

Esse argumento é realçado por Heidegger (2008) quando diz que é a poesia que admite ao homem habitar a sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário. Assim a escolha da relação que o ser humano estabelece com a natureza pode ser analisada como prerrogativa de sua condição humana.

Simmel nos proporciona outro aspecto interessante quando se refere à construção de “caminhos” e “pontes” que podem interligar localidades e pessoas analisados além do efeito estético na paisagem, ou do complexo de objetos naturais inanimados, como a descrição e justaposição de relevos, rios e vegetação. Andreotti (2005) cita Georg Simmel para o qual “a paisagem existe só quando o observador é capaz

de coletar os fenômenos que se estendem adiante dele em um particular tipo de unidade, cujo fundamento mais relevante é ‘*stimmung*’ denominada atmosfera, entonação, essência”. (ANDREOTTI, 2005).

A paisagem seria o resultado da contemplação, primeiramente no sentido ótico e em seguida espiritual da natureza, correlacionando os diversos objetos e a imaginação subjetiva dos mesmos. Para Simmel a paisagem está situada na esfera intermediária entre o particular e o geral, entre o finito e o infinito em sua perfeita sintonia, percepção e integração. Assim poderíamos pensar a paisagem como “a alma do lugar”, onde o empírico, a criatividade, a sensibilidade se integra, de maneira que seria muito superficial descrever apenas os elementos visíveis de forma mecânica. Entendemos o ser humano como um sistema aberto com muitas interconexões propiciando a mente permanecer em constante estado de alerta captando e resignificando informações, sensações construindo significados sobre as “coisas do mundo” e o “estar no mundo”. Esta abertura permite uma autoconsciência, como um lugar de criatividade e inovação e é central para a emergência do novo, a partir da ordem e desordem (caos). Et ce «chaos» n'est plus un amas informe, ou une menace aggressive (MATURANA; VARELA, 1998.) Segundo esses autores por meio desse "caos" pode-se detectar uma auto-organização, ou autopoiesis, ou seja, adquirir uma consciência de si na relação com o outro e com as coisas do mundo resignificando-as. Vemos na auto-

poiesis uma possibilidade para se pensar e desenvolver a geopoética

A teoria autopoietica tem como ideia básica um sistema organizado autossuficiente. Este sistema produz e recicla seus próprios componentes diferenciando-se do meio exterior. O termo foi criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. A teoria Autopoietica tem sido aplicada em várias áreas da ciência tendo em vista a compreensão e integração do todo. Segundo os autores a autoconsciência não está no cérebro – ela compete ao espaço relacional que se constitui na linguagem. A operação que dá origem à autoconsciência está relacionada com a reflexão na distinção do que distingue que se faz possível no domínio das coordenações de ações no momento em que há linguagem. Então a autoconsciência surge quando o observador constitui a auto-observação como uma entidade ao distinguir a distinção da distinção no linguajar (MATURANA; VARELA 1998).

A autoconsciência propõe uma maior abrangência, uma consciência de si mesmo. E desperta para essa consciência de si na relação com o outro, já que é na relação que se estabelece a identificação do outro. Para Maturana (1998) não é mais a razão que fundamenta e embasa as ações e a comunicação, mas sim a emoção, que não pode ser abarcada pela linguagem enquanto construção racional, mas pela linguagem construída nas coordenações de ações consensuais. Assim considerando a autopoiesis como um vetor importante no contexto da geopoética propomos essa abordagem como

categoria para compreender e analisar a dimensão geográfica da natureza e cultura que se manifesta na paisagem com a relação entre o ser humano e a mundo.

2. NATUREZA, PAISAGEM E REPRESENTAÇÃO

Pensar a paisagem com olhos de geógrafo nos remeteria as origens da ciência geográfica em tosa a sua trajetória epistemológica, mas não é isso que nos move nesse momento. A proposta é ir além do conceito de paisagem que relaciona natureza e sociedade, e pensar como tomada de consciência da natureza que o envolve e da qual também é integrante.

E nessa direção entendemos a paisagem como portadora de elementos visuais, sonoros, odoríferos e tácteis, e dos significados dados a esses elementos pelas pessoas que os vivenciam.

A paisagem, segundo tal perspectiva, não é o retrato fotográfico nem uma tela pintada de um espaço geográfico qualquer – existem inúmeras maneiras de representá-la, uma vez que também são inúmeras as percepções, valores e as significações de quem vive e capta essa paisagem.

Anne Cauquelin (2007) no livro *A invenção da paisagem*, considera que a paisagem representada pelos artistas é a consolidação do vínculo entre os distintos elementos e valores de uma cultura, ligação que oferece um agenciamento, um ordenamento e, por fim, uma ordem à percepção do mundo.

Nessa perspectiva a paisagem é pensada como um modo de ver perpassado pelo viés

cultural. E será esta ligação que, segundo ela, irá agenciar e/ou ordenar a experiência perceptiva. Podemos observar um lago, mas ele só é percebido porque outros elementos, além dos naturais e visíveis são acionados. Lembranças, imaginação sensibilidades vem à tona e são acionadas nesse momento, no entanto isso não é percebido claramente pelo observador num primeiro momento. Será preciso estar atento às diferentes maneiras de ver e sentir a natureza tendo em vista sua inteireza para se captar esse processo.

Entender essas diferentes maneiras de pensar a configuração da paisagem é o desafio, pois a paisagem observada pela janela é algo que se pode ver apenas por partes e nunca de forma completa.

Cada paisagem é produto e produtora de cultura, e é possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, que podem ser experienciados por cada pessoa que nela se insira, ou abstraído por aquele que a lê pelos relatos e/ou imagens. Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram no espaço “saltam aos olhos” do ser humano, “gritam aos seus ouvidos”, e envolvem-no nas suas dimensões sensíveis.

Para Andreotti o conceito de paisagem está vinculado à abordagem cultural e emocional. A paisagem cultural é, por sua vez, incomum: contém alma. Por isso o passado não é mais passado porque, por via da conexão psicológica, é sempre uma relação com o observador. Portanto, deve ser pensado – e esta é uma das incontáveis possibilidades de interpretação –

como um fato íntimo, espiritual, psicológico (ANDREOTTI, 2005).

Entendendo que a percepção não se limita ao sentido da visão, o estudo da paisagem na abordagem cultural da Geografia propõe ir além dos aspectos visuais, considerando toda a sua dimensão subjetiva; desvendar a “alma do lugar”.

Abrem-se, neste entendimento, outros elementos e interpretações para se discutir as paisagens considerando-as como um complexo de formas e de relações culturais é preciso aguçar o olhar não apenas para a leitura estética, mas buscar desvendar os significados dos lugares em sua essência, além das relações aparentes que geralmente são estabelecidas e entre eles.

3. OS ODORES E A PAISAGEM ... SENTIR A NATUREZA ...

Para Jean Robert Pite (1998), é “através do poder evocativo do cheiro, velejamos na emoção, sensualidade, viagem, fuga, encontro, beleza, sedução, elegância e prestígio.”

Ao pensar a paisagem em sua inteireza na perspectiva da poética nos remete a diferentes conexões como os odores que nos envolvem e propiciam sensações diversas e inusitadas.

As sensações relacionadas à própria condição animal de seres vivos sempre foi nor-teada pelos odores, sobretudo na delimitação territorial e nas questões relacionadas à sobrevivência. Para os seres humanos também os odores tem especial papel, nos remetendo a experiências que tivemos nos espaços de vivência.

O odor pode estar relacionado com o ambiente físico, com o psicológico, com aspectos culturais, enfim na interface da fisiologia, psicologia, cultura e linguística, assim pode-se dizer que o cheiro tem a sua geografia.

Entre as sensações, apenas os odores não tem vocabulário próprio e permanece relacionado ao selvagem, sobretudo pela especial atenção que sempre tiveram as imagens, gosto, tato e sons. Pois, admirar e encontrar prazer na contemplação de uma paisagem ou numa obra de arte, ouvir um concerto, saborear um prato refinado, ou tocar um sedoso tecido, são sinais de bom gosto e requinte. É importante considerarmos que o saborear de um bom prato inicia a motivação do odor que desperta o apetite assim como o cheiro das flores complementam a contemplação de um jardim. Dessa forma percebem-se a importância de se considerar os odores quando a proposta é analisar a poética da paisagem, sobretudo ao buscar a inteireza dos elementos integrando o ser humano e mundo. A contribuição da geografia para uma melhor compreensão das emissões olfativas pode ocorrer em vários aspectos como aponta Pitte na obra Geografia dos odores, como: o cheiro dos lugares, odores e a localização das atividades humanas agrícolas e industriais, o comércio dos odores, o papel que desempenham na diferenciação dos territórios etc. A compreensão do espaço tendo em vista os odores pode ser considerados em várias escalas como o espaço dentro da casa para a rua, bairro, cidade, região, da grande área bio-climática, cultural e do próprio planeta.

Enfim, qual é a relação que estabelecemos com os cheiros e como os relacionamos com os demais sentidos e sensações ao analisarmos um determinado espaço?

Os odores em sua essência consistem em moléculas de gás que variam na quantidade em sua composição e combinação com o espaço e tempo, em todas as escalas. Eles provem de várias substâncias da natureza, mas, sobretudo gerados em abundância pelos seres vivos, plantas e animais. Portanto tudo e todos têm um cheiro e essa percepção tem diferentes interpretações.

Os odores causados pela poluição causada por emissão de gases oriundos de áreas industriais, aterros sanitários, emissores de esgoto a céu aberto etc... podem influenciar na desvalorização de uma área, sobretudo no tecido urbano.

Os odores na área rural provenientes de estrume de gado, suíno ou aves podem ser repulsivos para algumas pessoas, mas representam vida para os que vivem nessas áreas agrícolas, incorporado as suas vidas aos seus mundos e sentidos.

As substâncias aromáticas desde a mais remota antiguidade integram as rotas de comércio como especiarias (cravo, canela, pimenta, noz moscada etc..) essências exóticas, propiciando aroma e sabores associados ao prazer, ao bom, ao belo.

A indústria de perfumes e cosméticos movimentam grandes cifras no mundo relacionando odores a valores culturais ao poder a os-

tentação a estética a beleza a construções simbólicas.

E nesse aspecto ainda como as pessoas se relacionam com seus próprios cheiros e como convivem com os cheiros dos outros? Essa questão pode explicar vínculos ou repulsas socioespaciais em varias escalas e podem nos levar a entender a relação olfato/ e a poética da paisagem. Aspectos culturais merecem análises mais aprofundadas, pois as percepções variam de individuo para individuo.

Como exemplos citados na obra Geografia dos odores no romance *Germinál*, de Émile Zola, a mulher do grande patrão quer abrir as janelas depois da visita de uma delegação de operários para esvaziar a sala dos odores da classe operária. Em *Quincas Borba*, Machado de Assis descreve com detalhes o cuidado do personagem Cristiano Palha com sua aparência. Ele ensaboa e esfrega o rosto, lava o colo e a cabeça em uma fina bacia de prata para depois enxugar-se, escovar-se e perfumar-se. Essas duas atitudes aparentemente sem importância são pistas fundamentais para entender grandes eventos da história contemporânea como a ascensão do narcisismo e o recolhimento para o espaço privado.

Enfim, essa abordagem pode contribuir para que as dicotomias entre homem e signo possam ser rompidas, permitindo refletir além das estruturas formais dos códigos sacralizados em modelos que tudo prevê e definem, na relação entre significado e significante, abrindo uma possibilidade inovadora de perceber o signo como construção dialógica e social, propiciando

ver o significante como algo aberto, constantemente criado e recriado pelas ações e interações humanas. (KOZEL, 2010).

Para abordar os odores da sociedade é preciso reacender os principais odores e condição de circulação, identificar os filtros de percepção da sensibilidade dos odores para se chegar a geopoética proposta.

4. OS SONS DA PAISAGEM ... OUVIR A NATUREZA...

Compreender a paisagem a partir dos sons da natureza é uma experiência que envolve percepções, valores e significações que não podem ser reduzidas, exclusivamente, a um processo fisiológico. Como foi apontado anteriormente a cultura é um dos vetores principais a ser considerado, pois quando um determinado espaço é pensado culturalmente, características são peculiares e diversas são atribuídas à sua identidade. Entendendo cultura de acordo com Claval como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 2001, p. 63), e que vão imprimir na paisagem suas marcas, e trazer para si as marcar da paisagem.

A paisagem sonora pensada no contexto cultural deve levar em conta a diversidade de sons presentes num lugar, e a relação destes com a cultura e com o lugar. É na paisagem sonora que estão, além dos sons artificiais produzidos pelas máquinas e motores, as línguas,

os sotaques e as gírias, e as músicas. Estes elementos são, portanto, produtos e produtores da paisagem sonora.

Pensar a geopoética da paisagem nos leva também a considerar os sons como diferentes possibilidades de estudo, desde as variações espaciais dos ruídos, a questão ambiental da poluição sonora, as “heterotopias sonoras” – ou as diferenças entre os lugares com base nos sons –, ou ainda uma “topofilia sonora” – ou a relação de pertencimento a um lugar com base na sonoridade do mesmo.

A paisagem, dessa forma, integra-se à música que representa importante papel na cultura de um povo. Ela serve para reafirmar valores dentro do grupo, e ajuda na associação de suas existências em relação a objetos próximos. O mundo apreendido é cantado e musicalizado. Os valores dos grupos são repassados nas canções, assim como suas relações com o meio. (TORRES, 2009)

A paisagem sonora proporciona ao indivíduo o primeiro contato com os sons, a partir daí e de suas experiências musicais, os seres humanos passam a expressar-se através da organização dos sons produzindo sonoridades.

E nessa acepção a música apresenta-se como um produto cultural, influenciada pela variedade de sons existentes em determinado(s) lugar (es), e compondo parte da paisagem sonora do lugar.

Os grupos humanos desde a antiguidade sempre estiveram conectados a natureza tendo em suas manifestações sonoras ligações com

suas divindades integrando-os a essa mesma natureza.

A relação do homem com a natureza, as peculiaridades apreendida nas paisagens e os sons dos lugares, nos conduzem a desvendar a paisagem sonora.

Murray Schafer citado por Torres (2009), utilizou o termo *soundscape* (paisagem sonora), em seu livro *O ouvido pensante*, para se referir ao ambiente acústico.

O autor em seu livro *A afinação do mundo* reflete sobre a paisagem sonora da humanidade desde os contatos com a natureza a relação com as atividades rural e industrial. Para Schafer a paisagem sonora natural contém os sons “puros” da natureza, como os sons dos rios, mares e oceanos, dos ventos e/ou qualquer outra manifestação da natureza, como atividades vulcânicas ou, ainda, o derretimento do gelo da neve. Cada paisagem sonora natural tem seu som peculiar, e com frequência se constituem marcos sonoros pela sua peculiaridade. Ele fala ainda sobre suas experiências pessoais em relação aos marcos sonoros no mundo, ao relatar: O mais impressionante marco sonoro geográfico que já escutei ocorreu na Nova Zelândia. Em Tikitere, Rotorua, grandes campos de enxofre fervente, espalhados ao longo de muitos acres de terra, são acompanhados por estranhos ri-bombos e gorgolejos subterrâneos. O lugar é uma chaga pustulenta na pele da terra, com infernais efeitos sonoros em ebulição espalhando-se com os ventos. (SCHAFER, 2001, p. 48)

A paisagem sonora natural pode ainda ser vivenciada quando nos encontramos em am-

bientes naturais distante das interferências do espaço urbano. Podemos captar e internalizar os sons das águas dos rios, da mata, o sussurro do vento e o canto dos pássaros, algo que tem se tornando cada vez mais difícil diante as transformações rápidas e intensas que vivemos atualmente. Inúmeros tipos de novos sons têm sido inseridos no espaço no decorrer do tempo, contribuindo para que o homem experiencie cada vez menos os sons naturais presentes na paisagem sonora.

Com o intuito de abarcar os sons de um determinado lugar se faz necessário pensar as sonoridades em vários aspectos a serem considerados como: sons de animais, fenômenos da natureza, advindos de objetos construídos pelos seres humanos ou diferentes linguagens produzidas pelos seres humanos.

A paisagem sonora é cultural, pois reflete a identidade de um lugar e de seus habitantes. Os sons dos animais e dos fenômenos da natureza não se exprimem da mesma maneira em todos os lugares. Os sons provenientes da circulação de carros, além dos sons dos motores, obedecem a códigos que são específicos em cada grupo social. As buzinas podem ser sons agressivos em uma localidade, enquanto em outra é encarado de maneira natural. Sons da construção civil podem ser tolerados até tarde da noite em algumas localidades, enquanto em outras são estabelecidas leis ou critérios para que não ultrapassem os horários comerciais. Uma festa pode durar uma noite inteira em certos lugares, ao som de músicas em alto volume, conversas e risadas, enquanto em outros existem

limites de decibéis e/ou horários estabelecidos para que as festas aconteçam. Assim, cada lugar apresenta sua especificidade na paisagem sonora (TORRES, 2009).

À Geografia, o estudo da cultura e da paisagem pautado na paisagem sonora, perpassa uma abordagem humanista-cultural, tendo em vista a compreensão de como os seres humanos individualmente e coletivamente constroem e concebem o espaço. A paisagem sonora é, mais um aporte para esse estudo, considerando que é apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura.

A adaptação a um novo lugar sempre nos remete a buscar as relações de familiaridade o que não está apenas nos elementos visuais, mas em todos os elementos percebidos da paisagem. De todo modo, em qualquer lugar do planeta seria possível fazer uma conexão com algo vivido e experienciado num passado, se caracterizando familiaridades.

Esse aspecto pode ser referendado nas reflexões de Torres (2009) em sua pesquisa sobre a paisagem sonora em Valadares. Além da familiaridade que a paisagem da Ilha dos Valadares proporcionou aos mestres de fandango quando nela chegaram para habitá-la, o fandango, um dia praticado nos lugares de onde vieram, e agora partilhado e feito em Valadares, é um dos elementos culturais que os une na Ilha. Tocar fandango e fazer fandango é um ato que remete à memória de cada tocador, ao mesmo tempo em que reafirma sua cultura, mesmo vivendo em outro local. O tempo vivido na Ilha

dos Valadares, compartilhado com os demais habitantes, também constitui uma identidade que se reflete na paisagem.

Assim, não basta reconstituir a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução tenha como referência noções comuns que estejam espiritualmente internalizadas e continuem a identificar e a fazer sentido ao grupo.

Trazer para discussão os aspectos relacionados à paisagem sonora nos remete a desvendar a geopoética em mais um dos aspectos importantes dos significados da paisagem... os sons da natureza e conseqüentemente, dos seres humanos.

5. AS IMAGENS E A PAISAGEM ... A NATUREZA ALÉM DO OLHAR ...

Para Hugo Fernando Salinas (2009) em um mundo controlado pelo racionalismo científico, no qual o homem se relaciona com o mundo natural de maneira distante, através de modelos e teorias, cabe ao artista repor ao homem um contato mais sensível com a natureza, não mais de forma ingênua e fundante, mas considerando as alterações histórico-científicas e interagindo poeticamente com elas.

No que tange ao olhar pretende-se considerar a importância de ir além do visível em busca da geopoética, rompendo com os dualismos oriundos do racionalismo científico que rompe com a visão integrada do todo, sobretudo quando aborda a relação homem/natureza. Geralmente a natureza é vista e pensada

como algo distinto e “fora” do ser humano, propiciando-o domina-la, adestrá-la ou mesmo subjugar-la de acordo com seus interesses imediatos.

A busca pelo rompimento com essa visão de natureza nos leva ao sensível, ao imaginável além do visível apontando a geografia de Gauguin de Staszak como um interessante aporte a ser considerado.

Staszak (2003) nos apresenta Géographies de Gauguin como uma perspectiva rumo ao desvelamento dos mundos interiores, do imaginário. Uma geografia que se move com a subjetividade, é transportada pelo indivíduo na relação com a representação, com o signo, e que aflora no contato com as imagens (pinturas, fotografias, etc.).

Nessa obra propõe evidenciar as formas que as geografias vernaculares polinésias chegaram aos europeus pelos marinheiros, o conhecimento impressionante em termos de orientação, os saberes práticos precisos permitiram um estudo da vegetação natural, a cultura da pesca nas lagoas, os mitos contados, as migrações e origens da população, como a estratificação vertical da sociedade, uma religião que estrutura o espaço em torno dos lugares sagrados, cheios de tabus etc...

A partir desse contexto analisa saberes desenvolvidos pelos europeus como: um conhecimento topográfico mais preciso; inventário dos recursos existentes como a cultura dos coqueirais e a fabricação de óleo de copra, as ostras perlíferas e o turismo.

Além desses aspectos imagens foram construídas sobre os polinésios associando-os a

descrição de Bougainville na “Nouvelle Cythère”, onde as mulheres se oferecem inocentemente aos viajantes, como uma terra de luxúria e prazeres.

A obra de Gauguin é um marco na história da arte proporcionando um olhar ocidental sobre o mundo cultural dos povos Taitianos que foram a sua inspiração. Ele retrata por meio da pintura o contexto de uma época e de um lugar em particular, o Taiti e a dominação colonial, participando da elaboração de seu próprio mito.

A geografia de Gauguin proporciona refletir sobre a relação que se estabelece “nossos mundos” e como consideramos os “mundos dos outros”, aqui em particular o Taiti sendo apreendido, analisado e retratado pelo olhar de um europeu como um paraíso perdido. Através de sua arte e seus escritos proporciona uma imagem muito particular do mundo do século XIX ao século XX e sem dúvida é com essas imagens que até os dias atuais o Taiti é imaginado e considerado. Suas obras também podem ser consideradas como um protesto a modernidade ocidental, a autenticidade perdida pelos “civilizados”, a sua representação por meio do espaço nos mostra o tempo... um tempo perdido. Foi considerado um anticolonialista assim como politicamente superficial por apresentar uma imagem folclórica e superficial dos taitianos para vender uma imagem turística.

E retornando a questão que nos move em particular a análise geográfica que fazemos das paisagens e a geopoética como conceito unificador nos leva as análises teóricas e epistemológicas dessa geografia dos mundos interiores. É

importante considerar que ao permearmos as representações adentramos também nos mundos interiores dos seres humanos que advém de suas vivências e particularidades.

A imagem cultural que Gauguin imprimiu em seus quadros como uma expressão fiel da realidade Polinésia passou a ser o cartão postal para vender os roteiros turísticos do país. A imagem que parece mais autêntica nos seus quadros das belas mulheres polinésias com seus páreos floridos, revela na verdade o ponto de contato, pois os missionários anglicanos (séc. XIX) que impuseram o seu uso para que se mantivessem a decência, pois a nudez era pecaminosa. E assim comercializavam os tecidos de algodão florido fabricado em Manchester de estampas alegres e coloridas para compor suas vestimentas.

É importante considerar não apenas as particularidades estéticas desse processo, mas suas intencionalidades e o que podem provocar na releitura do espaço. Desta forma, possibilitando sua contínua reconstrução e a configuração daquilo que Jean- François Staszak (2003) denomina como uma geografia dos mundos interiores, do imaginário. Uma geografia que se move com a subjetividade, é transportada pelo indivíduo na relação com a representação, com o signo, e que aflora no contato a imagem produzida nas obras de arte.

Tuan (1980) ressalta que um geógrafo humanista tem como função despertar nas pessoas uma consciência de seu próprio passado, de maneira crítica e reflexiva e por diferentes meios (sendo a arte um deles), tornando explícitos

as virtudes e defeitos de uma cultura; mostrando que o lugar é tanto um conceito e um sentimento compartilhado, quanto uma localização e um ambiente físico. A análise das pinturas de Gauguin assume perspectivas tanto de um documentário como reflexiva. A primeira considera a informação que pode ser apreendida por meio da análise de conteúdo da imagem, servindo como uma fonte de dados sobre outros universos culturais e sobre o contexto histórico na qual foi criada. A segunda perspectiva considera a imagem como um meio para elucidar as representações criadas pelo sujeito cognoscível no trabalho de campo e as estratégias discursivas usadas na construção de um conhecimento sobre o “outro”. Todas as imagens são resultados do olhar de quem as cria e seus significados são consequências da interpretação dada pelo espectador. A imagem reitera aquilo que sentimos, ansiamos, imaginamos, sonhamos, vivemos, pensamos, escrevemos, discutimos. As obras de arte adquirem sentido enquanto uma forma de linguagem, à medida que se ancoram na experiência sensível dos indivíduos – e, toda linguagem reflete o homem e seu mundo. Tanto a arte quanto a geografia estão diretamente relacionadas o desenvolvimento sociocultural de cada sociedade em sua época e o refletem em suas visões e representações de mundo. (FERREIRA; SANTOS, 2009)

Por meio de sua arte Gauguin apresenta uma visão de mundo que nos ajuda a compreender e refletir sobre os seres humanos e a própria sociedade, da qual somos integrantes, sempre com nosso olhar parcial. Pois o Taiti apesar de

todas as discussões desabonadoras impostas a Gauguin e suas representações artísticas é considerada atualmente não pela abundância de pescados, pela culpabilidade da nudez ou pelo colonialismo, mas como a “ilha do amor”, “um paraíso terrestre” que povoa o imaginário sensível e os sonhos das pessoas.

E essa ilha paradisíaca certamente existe no imaginário das pessoas pelos seus odores, seus perfumes de flores, suas cores tropicais, sua vegetação exótica pela beleza das pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tríade olhar, sentir e ouvir é a via proposta para apreender a geopoética, visto que são os aportes centrais dessa proposta.

Em busca dos significados e da inteireza nas análises das paisagens, pensando a natureza por meio do olhar, cheiros e sons ressaltamos a necessidade da busca pela “alma do lugar” que pode ser propiciada pelas obras de arte apresentadas em *Géographies de Gauguin* por Stasiak, pelas paisagens sonoras de Valadares estudadas por Torres ou pela geografia dos odores organizada por Pitte.

Assim propomos desenvolvermos a geopoética por meio de uma “autopoiesis” que abarque a dimensão geográfica entre natureza, cultura e seres humano tendo em vista a compreensão de sermos e estarmos no mundo.

Referências

- ANDREOTTI, G. *Per una Architettura del paesaggio*. Trento: Artimedia/Valentina Trentini Editore, 2008
- ANDREOTTI, G. *Paesaggi in movimento, paesaggi in vendita, paesaggi rubati*. Trento: Artimedia/Valentina Terntini Editore, 2007
- BESSE, J. M. *Face au monde. Atlas, jardins, géoramas*. Paris, 2003
- BATESON G. *La nature et la Pensée*. Paris: Seuil, 1984
- BRITO, A. G. *O culto das alturas: o simbolismo presente na percepção dos humanos sobre as montanhas. Dissertação de Mestrado*. Curitiba: UFPR, 2008
- CAUQUELIN, A. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martin Fontes, 2007.
- CLAVAL, P. *Épistemologie de la Géographie*. Paris: Nathan, 2001
- COLLOT, Michel. *Paysage et poésie: du romantisme à nous jours*. Paris: José Corti, 2005.
- Cosgrove, D. *Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000.
- DUNCAN, J. *A Paisagem como sistema de criação de signos*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) *Paisagens, textos e identidades*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 90-132.
- FERREIRA, L.; santos, L. K.S. *Geografia e Artes Plásticas: Os diferentes modos de ver as paisagens do Litoral do Paraná*. Artigo apresentado na disciplina Cultura e Representação: Diferentes Imagens e Linguagens, Programa de pós-graduação em geografia, UFPR, 2009
- FORTES, H. *Transversalidades entre arte e ciência nas imagens da natureza contemporânea*. 18 ANPAP, 21 a 26 setembro, Salvador, 2009
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2008
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *The Tree of Knowledge*. Boston/London: Shambala, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- PITTE, J. R.; DULAU, R. (org) *Géographie des odeurs*. Paris: L'Harmattan, 1998
- SALGUEIRO, T. B. *Paisagem e geografia* In: FINISTERRA, XXXVI, 72, 2001, p 37-53.
- SCHAFER, R. M. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- SCHAFER, R. M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- STASZAK, J. F. *Géographies de Gauguim*. Paris: Bréal Éditions, 2003
- TORRES, M. A. *A paisagem sonora da ilha dos Valadares: Percepção e memória na construção do espaço*. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2009
- TORRES, M. A.; KOZEL, S. *A percepção da paisagem sonora da cidade de Curitiba*, I Colóquio NEER, Curitiba, PR, 2006.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Human Goodness. Madison: University of Wisconsin Press, 2008

TURRI, E. Antropologia del paesaggio. Milano, 1974

WHITE, K. La Plateau de l'Albatros : Introduction a La Geopoetique. Paris: Grasset et Fasquelle, 1998

WHITE, K. Lecture de Laperouse. In: Cahiers de Géopoétique n.1, automne 1990. Disponível em: <http://www.geopoetique.net/archipel_fr/institut/cahiers/editorial.html> Acesso em 03 Mar 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/política/12-simmel-2html>. acesso em out 2010> e <http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/039/FRANKLIN_DASSIE.pdf> Acesso em 05 Nov 2009.